

Sarney passará a evitar manifestações em viagens

Tânia Monteiro

BRASÍLIA — Está difícil encontrar um local, neste país, mesmo na longínqua Amazônia, onde o presidente José Sarney chegue e não seja recebido sob vaias e protestos. A constatação foi feita pela assessoria do Palácio do Planalto, estarecida com os incidentes da semana passada. Em Porto Velho, urbanitários tentaram formar uma corrente humana para impedir a comitiva presidencial de ingressar na usina a ser inaugurada por Sarney; em Boa Vista, inconformados com a demora na retirada dos garimpeiros de suas terras, índios *ianomani* organizaram um protesto em frente ao Palácio da Justiça, durante a assinatura de convênios com o governo de Roraima.

As manifestações de Manaus eram esperadas, por se tratar de um centro mais populoso e porque o prefeito Arthur Virgílio anunciara que não queria ter contatos com Sarney. Mas as hostilidades de Porto Velho e Boa Vista surpreenderam o presidente, que chegou a considerar natural, ao saber que o protesto era puxado por militantes do PT. Mas Sarney não imaginava tornar-se alvo de mais dois protestos em Porto Velho, quando já deixava a cidade. Dois grupos de 30 pessoas se dividiram em alguns pontos da estrada de acesso ao

aeroporto, para gritar palavras de ordem contra o presidente.

Para tentar conter as manifestações em Porto Velho, 600 homens da Polícia Militar do estado — um terço do seu efetivo total — foram mobilizados. O Exército e a Aeronáutica colocaram mais 300 homens ao longo do percurso feito por Sarney. Estavam empenhados também cerca de 100 homens da Polícia Civil e da Polícia Federal.

Em Boa Vista, a situação não foi diferente. Como os órgãos de informação do governo já dispunham de dados de que pelo menos 100 pessoas iriam promover uma manifestação contra o presidente, trataram de pedir reforço para segurança, que se mostrou tensa e nervosa durante toda a viagem. Em Roraima cerca de 300 homens — Exército, Aeronáutica, Polícia Federal, Polícia Militar e Polícia Civil — estavam engajados na tentativa de evitar distúrbios ao presidente, que no entanto acabou ouvindo o coro de protestos do entoado em frente ao Palácio de Justiça.

A partir de agora, a averiguação antecipada da possibilidade de manifestações contra o presidente também será levada em conta pelo cerimonial, ao traçar um roteiro de viagem. Afinal, na viagem de três dias que empreendeu na semana passada por quatro cidades da Amazônia, Sarney só não encontrou manifestantes em Lábrea, no interior do Amazonas.

Cafeteira cobra ajuda à Usimar

SÃO LUÍS — O governador do Maranhão, Eptácio Cafeteira, voltou a conversar com o presidente José Sarney, que está em São Luís descansando, sobre a instalação da Usina Siderúrgica do Maranhão (Usimar). Cafeteira insistiu com Sarney no sentido de que o governo federal garanta a venda, pela Companhia Siderúrgica de Tubarão, do Espírito Santo, das placas, matéria-prima a ser utilizada pela Usimar na fabricação de bobinas a quente. O governador reclamou do comportamento do presidente da Usina de Tubarão, José Moraes, que se colocou contra a venda das placas, alegando que toda a produção da empresa está comprometida até 1994 com a exportação.

Cafeteira disse a Sarney que José Moraes "tem interesses particulares nessa história de garantir que as placas sejam enviadas ao exterior", quando poderiam ser vendidas à Usimar a preço de exportação. Argumentou que o Brasil vai faturar cinco vezes mais do que os US\$ 496 milhões faturados este ano pela Usina de Tubarão, se a Usimar receber as placas.

Analisando o comportamento de José Moraes, Cafeteira disse ao presidente que "as máscaras começam a cair", mas não conse-

giu obter de Sarney a garantia da aquisição das placas para a Usimar. O governador acrescentou que estão criando confusão em torno da instalação da Usimar, chegando a culpar o presidente Sarney, "que não tem nada a ver com isso".

Mas o presidente Sarney admitiu, quando chegou a São Luís na sexta-feira à noite, que a Usimar não será instalada no seu governo. Disse que no momento não há recursos, mas manifestou esperança de que a Usimar "um dia seja feita". afirmou que o Maranhão tem vocação siderúrgica, devido à situação privilegiada do porto do Itaqui, e lembrou que o projeto da Usimar é de 1974, quando era deputado federal e um de seus defensores no Congresso.

Segundo Cafeteira, o lobby contra a Usimar é muito grande e parte principalmente dos distribuidores de laminados que possuem cotas de exportação de placas dadas pelas siderúrgicas. Disse que as placas poderiam ser vendidas "sem esses atravessadores".